

Da Preservação Têxtil ao Patrimônio Cultural: Contribuições da Tecidoteca da Universidade Estadual de Maringá

Márcia Regina Paiva

Resumo: O presente estudo tem como objetivo apresentar as atividades desenvolvidas pelo Projeto de Extensão Tecidoteca da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Câmpus Regional de Cianorte (CRC) bem como descrever a relação da preservação do têxtil como patrimônio cultural. A Tecidoteca iniciou suas atividades em 2009 como um projeto de extensão, porém tem a intenção de se tornar permanente, pois sua criação é de fundamental relevância para o ensino, a pesquisa e extensão dos usuários da área de moda e afins. Sua função é de entender, conservar, conhecer, e organizar os têxteis como documentos para pesquisa em moda. A tecidoteca (em fase de elaboração) aguarda a aquisição de móveis para a efetiva implantação do mesmo, porque o tecido, não tecido e a malha recebidos como doação por parte dos representantes das indústrias têxteis e das indústrias de confecção do município de Cianorte e região estão sendo analisados pelos integrantes do projeto de extensão por meio das técnicas do manuseio, do corte, da queima e fotografias dos tecidos, não-tecidos e malhas para a identificação e as especificações do tipo de matéria-prima, do nome técnico, do nome comercial, da composição, da metragem e do *rapport* (desenho), baseado nessas informações as amostras são encaminhadas para o laboratório de análise têxtil no Câmpus Regional de Goioerê (CRG), onde são realizados os testes de encolhimento (estabilidade dimensional), gramatura, ensaio de abrasão, densidade e ensaio de solidez da cor a lavagem, sendo eles baseados nas normas técnicas da ABNT. Após a aplicação dos testes e preenchimento da ficha técnica, o item será exposto em bandeiras têxteis disposto em araras medindo 1,20cm de largura e 2m de altura para uma melhor visualização e manuseio para consulta e pesquisa de alunos, docentes e profissionais da moda e afins. A organização será pelo número de chamada, que tem uma forma metódica de relacionar os itens de uma coleção, indicando a localização de cada item na biblioteca. Cada bandeira receberá também um número de registro, para controle de cada item incorporado ao acervo. Após coletado os dados, catalogados e classificados serão inseridos no Catálogo *online* do Sistema de Bibliotecas da UEM¹, onde serão dispostos para consulta interna e externa. Foram utilizadas as pesquisas descritiva que tem a intenção de descrever os fatos e a bibliográfica para elaboração do embasamento teórico. Desse modo, a Tecidoteca procura disseminar as comunidades externa e interna, alguns princípios fundamentais da área têxtil para um melhor entendimento e auxílio na elaboração dos trabalhos de conclusão de curso, desenvolvimento de coleções sazonais de moda e também para fins de pesquisas históricas em têxtil.

Palavras-chave: Tecidoteca. Conservação de têxteis. Preservação de patrimônio cultural. Bandeira têxtil. Design de Moda.

1. Introdução

A integração do *design* de moda com a cadeia têxtil unifica plenamente todo setor de vestuário, ou seja, a busca das qualidades estéticas e conhecimento das funcionalidades de uma fibra, um fio, um tecido, uma malha, e todo processo de beneficiamento de uma peça de roupa. Portanto, este artigo tem como objetivo divulgar o projeto de extensão Tecidoteca da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Câmpus Regional de Cianorte (CRC), bem como descrever a relação da preservação do têxtil como patrimônio cultural e desse modo atingir o APL (Confecção Cianorte/Maringá – PR), conhecido hoje como “corredor da moda e das confecções” (contando com aproximadamente 350 empresas cadastradas). Pretende-se ainda integrar a Universidade, tanto do Câmpus Regional de Cianorte (Bacharelado de Moda) e Câmpus Regional de Goioerê (Bacharelado em Engenharia Têxtil) e também a comunidade (extensão), aproximando os acadêmicos, industriais do vestuário e do setor têxtil, com intuito, de facilitar a compreensão de toda área de moda/têxtil no conhecimento e manuseio do seu produto de fabricação e seu segmento de mercado, por exemplo, roupas *prêt-à-porter*, *fitness*, entre outras. No entanto, o objetivo deste artigo é apresentar as atividades desenvolvidas pelo Projeto de Extensão Tecidoteca da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Câmpus Regional de Cianorte (CRC).

Nesse sentido se faz necessário alguns esclarecimentos a respeito do município de Cianorte, onde está localizado a tecidoteca, situa-se no Noroeste do Estado do Paraná, fundado em 13 de julho de 1955, conta atualmente com 74.000 habitantes. O nome “Cianorte” tem origem da abreviação do nome da empresa colonizadora da região “Companhia Melhoramentos Norte do Paraná”, sigla essa “Cia Norte” adotada pela empresa para facilitar as comunicações nos primeiros tempos e também como endereço telegráfico (CIANORTE..., 1988). A economia da cidade era baseada na monocultura cafeeira, pois o solo desta região era muito favorável para o cultivo do café. Por volta de 1975, às lavouras de café foram dizimadas com a geada negra, o que acarretou uma enorme perda na economia da cidade. Alguns agricultores abandonaram o campo e outros apostaram na industrialização, mais precisamente no setor do vestuário, o qual projetou Cianorte em escala nacional e foi responsável pela expansão urbana nos últimos anos. Por isso o município é identificado como Capital do Vestuário. Quem mais investiu no aquecimento da economia de Cianorte e no setor de vestuário foi o ‘Senhor’ Cheble Mitre Abou Nabhan (empresário de origem libanesa) desenvolvendo projetos que mais tarde se tornariam potência. Instalou, no início dos anos 1980, a Cheina Confecções que produz roupas femininas, masculinas e grifes internacionais, considerada a maior do município e a maior da América Latina no ramo faccionista, abastecendo vários estados brasileiros. Em 1993 inaugurou o Nabhan Fashion, um shopping de atacado com dois pavimentos, sendo a Cheina Confecções ocupante da maior parte da área construída e as demais áreas distribuídas por outras lojas e a praça de alimentação (CIOFFI et al., 1997). Neste contexto, Cianorte cresceu e hoje passou a ser considerada o maior pólo atacadista de confecções do sul do país, com as mais diferentes grifes e expondo tendências na moda nacional. Atualmente é conhecida como “Capital do Vestuário” título lançado pelo então gestor Jorge Moreira da Silva e reforçado na gestão de Edno Guimarães (de 1989-1992 e 2005-2008). No município, o curso de graduação em Moda foi criado em 2002 para suprir a demanda local com a formação de profissionais para atuarem na cidade e na região. Tal fato é percebido ao visitar indústrias do vestuário, onde se constata que parte desses profissionais se formaram na UEM, Câmpus Regional de Cianorte.

Desta forma, entende-se que o produto têxtil é uma das mais antigas manufaturas do homem, pois desde sempre, o homem entrelaçava as folhas de palmeiras, curtia e costurava as

peles para usar no seu corpo. Com o tempo e a transformação da matéria-prima, ele aprendeu a manusear a fibra e transformá-la em fios, tecidos, malhas e, por último, a fazer o acabamento. A técnica utilizada para a transformação de tecido se faz com o cruzamento de fios de trama, sentido horizontal, ou seja, o conjunto de fios dispostos no sentido transversal ou horizontal do tear, entre os fios de urdidura, que representa a unidade da largura e fios de urdume, sentido diagonal, ou seja, fios presentes em todos os tecidos planos, que ocorrem paralelos à ourela, tramados com fios perpendicularmente. Contudo, com os adventos tecnológicos, a industrialização e aumento do comércio, o mercado têxtil ganhou espaço considerável e à medida que a produção e o consumo foram crescendo, a modernização da mecanização das operações foi acelerando. Para o entendimento do processo de produção da manufatura têxtil é importante mencionarmos o fluxograma do processo industrial primeiramente têm-se as fibras têxteis (naturais e não-naturais), os fios (fiação), tecido (tecelagem) ou malha (malharia), Não-tecido (TNT) e acabamentos (beneficiamentos).

Como ressalta o texto de Santos (2010) quando argumenta que a roupa tem sua origem na pré-história, por meio de animais que eram caçados para alimentação, quando o homem entendeu que, além servir de alimento, a pele do animal também poderia protegê-lo do frio. Entretanto, praticamente surge a vestimenta, a partir dessa descoberta, o homem inicia a busca por meios que dê à pele dos animais maleabilidade e durabilidade por um período maior de tempo. Após se protegerem e cobrirem seus corpos, o homem passou a adorná-los e como consequência a comunicar-se pela vestimenta. Então, civilizações antigas dos vales do Nilo, Eufrates e Indo, além de se cobrirem pelo frio, também o fizeram por pudor. Onde desenvolveram a técnica de tosquiar ovelhas e tecer, e assim criaram os primeiros retângulos de tecidos (PAIVA, 2011).

Lembrando também que

De sarongues às togas romanas, vieram os acessórios, a seda da China; passando séculos até que uma vestimenta substituiu outra. Todavia, no final da Idade Média e início da Renascença, a Moda desponta de maneira a ser chamada de fenômeno social. No final do século XV, inicia-se uma organização estrutural urbana e, com ela o comércio e a burguesia. Ciclicamente, burgueses imitavam os nobres como forma de conquista de maior status perante a sociedade. Os nobres então, abandonaram as roupas copiadas em busca de contínua superioridade e distinção de classe. Em suma, a Moda é efêmera, ou seja, percebe-se que está pertinentemente ligada à transitoriedade de tempos, hábitos, história. Contudo, Moda relaciona-se então, a expressão corporal e comunicação. O homem possui a liberdade de recriar a própria pele, reconstruindo a mesma através do vestir e explorando o termo, como um fenômeno inserido num meio sociocultural (SANTOS, 2010, p.34).

Porém, é exatamente no contexto da roupa que pode-se entender como uma determinada forma, arquitetura têxtil, *design*, manifesta-se. Cada uma das linhas possui um sentido e representa um gosto específico localizável no tempo e espaço. Para Chataignier (2006), a roupa é um produto com características espaciais, mobilidade, tridimensionalidade, movimento, textura, direção, etc. É uma criação plástica que possui e se orienta a partir do diálogo que estabelece com o próprio corpo que veste.

Pretende-se, a partir destes pressupostos não apenas coligar associações espontâneas que a maioria das pessoas tem ao “analisar” um tecido ou malha, mas também as suas particularidades como uso, capacidade de proteção, análise da superfície do design têxtil, sua mensagem estética, entre outros.

Design de Superfície é uma atividade técnica e criativa cujo objetivo é a criação de imagens bidimensionais (texturas visuais e tácteis), projetadas especificamente para a constituição e/ou tratamento de superfícies, apresentando soluções estéticas e funcionais adequadas aos diferentes materiais e processos de fabricação artesanal e industrial (RÜTHSCHILLING, 2009).

Levinbook (2008, p. 373) menciona que o *rapport* é a técnica de repetições diretas ou saltadas, e é possível ser desenvolvida em projetos têxteis, papéis desenhados, azulejos,

paredes e pisos, entre outras superfícies. Deste modo, a indústria têxtil, no controle de suas especificações adequadas para o resultado final do produto requer qualidades nos controles e testes, durante o processo e após a construção do produto de moda.

Para Chataignier (2006), a tecelagem consistia em entrecruzar dois fios, ou seja, o urdume com a trama. A urdidura pertence a um grupo de fios longitudinais e a trama liga-se a outro grupo de fios chamados também de enchimento, e que são transversais, colocados na largura do tecido. É importante saber que os fios da urdidura são fiados em um tear através de várias molduras conhecidas como arneses, que possuem um movimento próprio, levantando alguns fios de urdidura e abaixando outros. Esse procedimento forma um espaço entre os fios, que, por meio de uma ferramenta chamada lançadeira leva os fios pelo espaço existente, formando os fios transversais do tecido, entendidos como trama.

E apresentando a importância do têxtil na história humana, faz-se relação a preservação dos têxteis como patrimônio cultural, lembrando que as variantes do patrimônio são: material, imaterial, histórico artístico, natural, arquitetônico etc.

Pois engana-se quem não visualiza a história da Moda ligada à história da humanidade. Com efeito, é por meio das vestimentas que se pode identificar uma época, diferenciar os gêneros, agrupar, relacionar pessoas, credos, economia, tempo, entre outras situações.

A moda reflete a maneira passageira de se vestir e de se comportar em determinada época. Cíclica, é também sinônimo do conjunto de fatores que envolvem beleza, interesses, consumismo, vaidade, dinheiro, poder, preconceitos, distinções e frustrações (SABINO, 2007, p. 446).

E ainda se envolve com:

Os movimentos sociais, impregnados de novidades na maneira de se vestir e de se comportar, acabam inevitavelmente gerando algum tipo de identidade visual que, por sua vez, é logo absorvida e transformada em elementos de moda. Incentivados pelo consumo e pelo sistema capitalista, o visual de roqueiros, beatniks, mods, hippies, punks, darks, góticos, clubbers, ravers, yuppies, skatistas, cybermanos e tantas outras tribos sociais acabaram sempre a serviço da gulosa e inconstante Moda (SABINO, 2007, p. 446-447).

Na perspectiva de considerar a preservação têxtil como patrimônio cultural utiliza-se o conceito de Oliveira (2009, p. 38-39) ao mencionar que o

patrimônio cultural é um suporte da memória e da identidade dos grupos sociais, por meio da qual eles se reconhecem e se sentem participantes de uma Tradição Cultural. A preservação desta valiosa herança cultural procede tanto do respeito ao legado das gerações futuras da consciência dos benefícios que ela proporciona para o meio social. Patrimônio cultural é um conjunto de elementos históricos, científicos, ecológicos e arquitetônicos, nos quais se reconhecem valores que identificam a memória e referências do modo de vida e identidade de uma sociedade, patrimônio é aquilo que é próprio dos homens.

Nesse sentido observa-se que

preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons, músicas populares e eruditas. Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. É fazer também levantamentos de qualquer natureza, de sítios variados (LEMOS, 1985, p. 29).

Para Velozo (2006, p. 439) “o patrimônio cultural é fruto de relações sociais definidas, historicamente situadas e, ao mesmo tempo, é corporificado em alguma manifestação concreta, seja conceitualmente definida como material ou imaterial”.

Desse modo,

O patrimônio cultural, quando bem compreendido, expressa diferentes representações coletivas que estabelecem múltiplas conexões entre si. Em situações de pesquisa, o que sobressai é a transformação do informante em intérprete de seu próprio patrimônio. [...] O que importa destacar é que, quando se trata de patrimônio

cultural, seja material ou imaterial, fala-se também de valores e de interesses coletivos que, por sua própria especificidade, não são fixos nem imutáveis (VELOZO, 2006, p. 439-440).

“Lembrando que têxteis não incluem apenas vestimentas, mas também tapeçarias, alfaias, coberturas de estofados, bordados e uma incrível variedade resultante do uso de tecidos” (VIANA; NEIRA, 2010, p. 207). Ressaltando que a fibra têxtil, matéria prima do tecido, é o termo genérico para vários tipos de material, naturais ou artificiais que formam os elementos básicos para fins têxteis. De acordo com a ASTM (American Society for Testing and Materials), fibra têxtil é um material que se caracteriza por apresentar um comprimento pelo menos 100 vezes superior à sua largura ou diâmetro. Uma definição mais objetiva seria dizer que fibra têxtil é todo material que pode ser usado para fins têxteis (fios, tecidos, não-tecidos, etc.). Além do comprimento e da largura ou diâmetro, as demais características concludentes seriam: a resistência à tensão, a absorção, o alongamento, a elasticidade, a resistência à abrasão etc. A indústria têxtil utiliza diferentes espécies de fibras provenientes da natureza, havendo ainda as que são artificialmente produzidas pelo homem, com a utilização de materiais oriundos dos reinos vegetal e mineral (PITA, 1996). No Brasil há o Centro Tecnológico da Indústria da Moda (CETIM) do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) que reúne competências tecnológicas em Têxteis, Confecções, Couros e Calçados (IPT, 2009).

Assim, a indústria têxtil, no controle de suas especificações adequadas para o resultado final do produto requer qualidades nos controles e testes, durante o processo e após a construção do produto de moda. Sendo assim, a construção desse produto de moda gera vestimentas e acessórios de moda, traduzindo a necessidade de preservar esses produtos, identifica-se a apresentação de exposições destinadas a personalidades e seus vestuários e acessórios que marcaram uma época e ditaram a moda em seu tempo. Sendo que a “moda, indumentária e traje são práticas significantes, modos de gerar significados, que produzem os grupos sociais ao mesmo tempo que suas posições de poder relativo” (BARNARD, 2003, p.64).

Contudo, a presença de acervo têxtil e museus específicos ao vestuário e/ou indumentária é escassa no Brasil, mas as iniciativas reconhecidas nacionalmente são: o Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil (Cetiqt-RJ), o Museu Histórico Nacional, Museu da República, o Museu do Traje e do Têxtil em Salvador – BA, o Museu de Arte de São Paulo (Masp), o Setor de conservação de têxteis do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, o Theatro Municipal de São Paulo também contém coleções de vestuários, destaque também em Lisboa-Portugal destaca-se o Museu Nacional do Traje e o Museu do Design e da Moda (Mude) (KEESE, 2006; RAMOS, 2009). Além dessas iniciativas, há a inserção de tecidotecas, tecitecas, modatecas, centro de referência têxtil e vestuário, banco de informação de moda, nas instituições de ensino superior que ofertam os cursos de moda, essas disponibilizam têxteis, vestuários, acessórios, que buscam preservar os têxteis e suas manufaturas.

Assim, “[...] moda, roupa e indumentária são meios pelos quais as pessoas comunicam não só coisas, tais como sentimentos e humores, mas também valores, esperanças, crenças dos grupos sociais a que pertencem” (BARNARD, 2003, p.64).

No entanto, Bittner (apud VIANA; NEIRA, 2010, p. 214) define têxtil como

[...] um material fabricado por algum tipo de processo de tecimento. Esta definição é derivada do latim, raiz da palavra ‘têxtil’, *textere*, que significa tecer. O termo têxtil também pode ser aplicado a materiais manufaturados pelo entrelaçamento de fios, tais como objetos feitos pelo trançado, malharia e renda, bem como materiais não fiados, como feltros, nos quais as fibras ganharam coesão por tratamentos mecânicos ou processos químicos. Em casos raros, peles, couros e plásticos podem ser considerados têxteis, especialmente quando usados na manufatura de roupas.

Pires em entrevista a Maciel (2010, p. 48), salienta a importância de investimentos em pesquisas e publicações que divulguem a moda como processo, método de trabalho

incorporado aos “estágios iniciais, combinando a engenharia de produção, o marketing e outros setores da empresa ou, ainda, incorporando o design na formulação da estratégia comercial. É necessário haver muito apoio, estímulo e ações que concorram para superar a subcultura de design de moda”. Por isso justifica-se a iniciativa da criação de tecidotecas, tecitecas e modatecas, esses espaços tornam centros de apoio pedagógico e apoio aos estudantes da área de Moda, bem como práticas de profissionais que necessitam conhecer os tecidos e poder identificá-los e saber algumas informações que não estão disponíveis aos produtores têxteis.

Conforme o objetivo proposto neste artigo a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica para elaborar a base teórica e a pesquisa descritiva para relatar as etapas desenvolvidas até o momento do projeto de extensão tecidoteca e relacionar a preservação do têxtil como patrimônio cultural.

Sendo assim, para a implantação da Tecidoteca utiliza-se como metodologia a coleta, observação e a identificação dos materiais têxteis. Esses materiais estão sendo adquiridos pelos integrantes do projeto através de pedidos via internet, fornecedores, tecelagens e nas indústrias de confecção da cidade de Cianorte e região. A análise se dará com base no manuseio, cortando, queimando e fotografando os tecidos e não-tecidos para assim identificar e especificar o tipo de matéria-prima, do nome técnico, do nome comercial, da composição, da metragem e do *rapport* (desenho), baseado nessas informações as amostras são encaminhadas para o laboratório de análise têxtil no Câmpus Regional de Goioerê (CRG), onde estão sendo realizado os testes de encolhimento (estabilidade dimensional), gramatura, ensaio de abrasão, densidade e ensaio de solidez da cor a lavagem, sendo eles baseado nas normas técnicas da ABNT. Cada item será exposto em bandeiras de 30x20cm, com suas devidas especificações. Este acervo estará disposto em araras medindo 1,20cm de largura e 2m de altura para uma melhor visualização e manuseio do mesmo.

A organização será pelo número de chamada, que tem uma forma metódica para relacionar os itens de uma coleção, indicando a localização de cada item na biblioteca. Cada bandeira receberá, também, um número de registro, para controle de cada item incorporado ao acervo. Após coletados os dados, catalogados e classificados serão inseridos no Catálogo *on-line* da biblioteca do CRC por meio do *software* Virtual, onde serão dispostos para consulta interna e externa. O *software* Virtua utiliza como padrão de catalogação o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2) e o formato Marc21, que possibilita a troca de dados de diversos sistemas. O sistema de classificação adotado é a Classificação Decimal de Dewey (CDD – 21. ed.).

A Tecidoteca é um processo de criatividade na formação e entendimento de materiais têxteis, direcionando o aprendiz na compreensão dos tipos de tecidos e não tecidos, além dos teares existentes no mercado, a multiplicação dos desenhos, motivos, e grafismos das coleções de tecidos que atualmente incentivam representantes comerciais (através da bandeira têxtil) a apresentar às confecções e aos profissionais da área uma variedade de amostras, combinando com os hábitos e exigências do público alvo.

O segmento têxtil levou os industriais a considerar processos de reprodução em tecidos que pudessem ser fabricados em série aliados ao *prêt-à-porter*. A estruturação do conjunto de uma coleção e desenvolvimento de um produto do vestuário em série requer muito conhecimento e pesquisa, aliado a parcerias e também ao conhecimento de particularidades, como: cores, matérias têxteis, aviamentos, costura, formas, desenhos, estilo, entre outros.

Com este trabalho, procura-se disseminar a comunidade, alunos e profissionais na área do vestuário e moda, alguns princípios fundamentais da área têxtil para um melhor entendimento e auxílio na elaboração dos trabalhos de conclusão de curso e desenvolvimento

de coleções sazonais de moda. Esperamos assim obter produtividade e efetividade somada as demais exigências do mercado em prol do desenvolvimento da cadeia têxtil.

Referências

BARNARD, Malcolm. *Moda e comunicação*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CHATAIGNIER, G. *Fio a fio: tecidos, moda e linguagem*. São Paulo: Estação da Letras, 2006.

CIANORTE ontem e hoje: *uma breve história*. Cianorte: [s.n.], 1988.

CIOFFI, Helena et al. *Cianorte: sua história contada pelos pioneiros*. Maringá: Gráfica Ideal, 1995.

IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas). *Áreas técnicas: indústria da moda: têxteis e confecções*. Disponível em: <<http://www.ipt.br/areas/cetim/lto/>>. Acesso em: 15 jun. 2009.

KEESE, Alessandra Savassa Gonçalves. *Conservação têxtil: a importância da preservação do patrimônio têxtil para a moda*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Moda) - Centro Universitário Salesiano de São Paulo UNISAL, Americana, 2006. Disponível em: <http://www.am.unisal.br/graduacao/moda/pdf/tcc2006/TCC_Alessandra_Keese.pdf>. Acesso em: 7 maio 2011.

LE MOS, Carlos. *O que é patrimônio histórico*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LEVINBOOK, Miriam. Design de superfície têxtil. In: PIRES, Dorotéia Baduy (Org.). *Design de moda: olhares diversos*. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2008. p. 371-387.

MACIEL, Fernanda. Bacharéis em moda. *Use Fashion Journal*, São Leopoldo, ano 7, n. 74, p. 44-49, mar. 2010. Edição brasileira.

OLIVEIRA, Ana Paula Paulino de. *A educação patrimonial e o patrimônio cultural: uma experiência no ambiente escolar na cidade de Mandaguari-PR*. In: *FÓRUM DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA*, Maringá, 2009, p. 37-43. 1 CD-ROM.

PAIVA, Márcia Regina. *Compartilhamento da informação e do conhecimento na Universidade Estadual de Maringá: contribuições de um repositório temático institucional em Moda e Design*. 2011. 165f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

PITA, Pedro. *Fibras têxteis*. Rio de Janeiro: Senai/Cetiqt, 1996. v.1

RAMOS, Priscila França. *Moda e produção cultural: a moda enquanto arte e cultura no mercado da produção cultural contemporânea*. 2009. Monografia (bacharel em produção cultural) – Departamento de Arte, Universidade Federal Fluminense, 2009. Disponível em: <<http://tagcultural.com.br/wp-content/uploads/2011/01/0012.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

RÜTHSCHILLING, Evelise Anicet. *Design de superfície*. Disponível em: <http://www.nds.ufrgs.br/usoteorico/ds_principio_basico.php>. Acesso em: 19 maio 2009.

SABINO, Marco. *Dicionário de moda*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. p. 446-447.

SANTOS, Selena Escher dos. *E a Moda? Você sabe como surgiu?* Revista Uma Nova Visão, Cianorte, ano 4, n. 16, p. 34, abr./maio 2010.

VELOSO, Mariza. *O fetiche do patrimônio*. Habitus, Goiânia, v. 4, n.1, p. 437-454, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://revistas.ucg.br/index.php/habitus/article/view/363/301>>. Acesso em: 25 jul. 2011.

VIANA, Fausto; NEIRA, Luz García. *Princípios gerais de conservação têxtil*. **Revista CPC**, São Paulo, n. 10, p. 206-233, maio/out. 2010. Disponível em: <http://200.144.190.38:8180/xmlui/bitstream/handle/1/162/CAC_ART_VIANA_Princ%C3%ADpiosgerais_2010.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 jun. 2011.

¹ Sistema de Bibliotecas da UEM (www.bce.uem.br/sib).